

NOITES DE INFÂNCIA

Maria João Machado, Educadora de Infância, *in* Revista Pais & Filhos, 2002.

As reuniões de pais ou outras iniciativas que envolvam as famílias constituem estratégias de complementaridade entre estas e a escola. (...)

Todos os pais já tiveram oportunidade de participar em reuniões no jardim de infância ou na escola dos seus filhos. Tiveram, porém, também oportunidade de verificar que várias são as formas, os conteúdos e as dinâmicas utilizadas pelos profissionais de educação nessas reuniões. Algumas assumem um carácter mais formal e expositivo, outras favorecem o diálogo e a troca de experiências entre os intervenientes. Mas o mais importante, é a oportunidade de poder trabalhar e partilhar acontecimentos, tarefas e responsabilidades, permitindo ao educador melhorar as suas competências no desempenho da sua profissão. As reuniões de pais ou outras iniciativas que envolvam as famílias constituem estratégias de complementaridade entre estas e a escola. É já hoje partilhada a ideia de que os direitos e deveres da paternidade não se devem exercer apenas – e, muito menos, esgotar-se – na educação da criança, em casa. Cada família recorre a estilos educativos coerentes com a sua lógica de interacção familiar, os quais a escola não deve ignorar, para tal, torna-se fundamental perspectivar a escolarização na sua articulação com a dinâmica de funcionamento familiar.

Fazer diferente. A experiência que aqui relato prende-se, exactamente, com o desenvolver de estratégias que envolvam os pais na vida escolar, de modo a encorajá-los a participar no processo educativo.

Tudo começou com a preparação de uma reunião de pais. O dia da reunião estava marcado para daí a duas semanas. Numa conversa com as crianças, disse-lhes que iria fazer uma reunião com os pais e gostava que eles pensassem como poderíamos preparar algo diferente.

O André colocou logo uma questão muito pertinente: «Diferente? Mas eu nunca vim a nenhuma, não sei como costumam ser». Várias vozes se levantaram para explicarem no que consistia uma reunião. «Então, põem-se as cadeiras todas em roda e depois os pais conversam». «A Maria João mostra os trabalhos e fala sobre nós. Os pais perguntam se nós nos portámos bem». Conversam, conversam e depois comem bolos. Não se lembram que da outra vez nós fizemos biscoitos para eles comerem?» «Também podem levantar-se e ir ver os nossos trabalhos que estão nas paredes». Estes miúdos não estavam muito longe do que normalmente se faz com os (seus) gráudos, o que já era meio caminho andado para fazermos diferente.

«Maria João, e se nós também viéssemos à reunião?» «Boa, assim podíamos ver como é!» «Ver?» «Então podemos ajudar?» «Claro!» O desafio estava lançado. Para aquele grupo, passar por uma experiência destas e assumir um papel tão importante iria ser uma aventura extraordinária.

A preparação começou naquele preciso momento. Primeiro que tudo, era necessário fazer uma convocatória. Em conjunto, elaborámos um texto que não contava exactamente o que se passaria, mas deixava no ar a ideia de uma surpresa. (...)

O modelo de trabalho que defendo, e com o qual me identifico, requer uma forte articulação com as famílias e com a comunidade em geral, dado ser fundamental que todos assumam como fonte de conhecimento e de formação para o jardim de infância. (...)

Deste modo, o envolvimento parental pode ser encarado numa perspectiva de desenvolvimento pessoal e social e pode ter um impacto positivo para as crianças, beneficiando o trabalho dos educadores e da organização escolar.

O envolvimento e a participação na vida da escola e na educação participada dos filhos pode conceder aos pais novas experiências, conhecimentos, competências, confiança e capacidade individual, ou grupal, para intervir.

É nosso papel, como pais e educadores, criar ambientes educativos que propiciem o desenvolvimento das crianças. Cogito, logo pratico!”

Maria João Machado, Educadora de Infância, *in* Revista Pais & Filhos, 2002.